

A zooterapia no Recife (Pernambuco): uma articulação entre as práticas e a história

**Maria Leticia Vasconcelos da Silva
Ângelo Giuseppe Chaves Alves*
Argus Vasconcelos de Almeida**

Universidade Federal Rural de Pernambuco/Departamento de Biologia
Rua Manoel de Medeiros, s/n – CEP 52171-900 Recife – PE
e-mail: agcalves@yahoo.com
*Autor para correspondência

Aceito para publicação em 07/11/2003

Resumo

A zooterapia é uma realidade ao longo da história das sociedades, embora seja relativamente pouco estudada. Este trabalho objetivou descrever e analisar o uso da fauna medicinal no Recife, partindo da identificação dos animais utilizados e das formas de indicação e preparo dos produtos zooterápicos, estabelecendo um paralelo das práticas populares atuais com a história da zooterapia na região. Os dados foram obtidos através de entrevistas abertas e semi-estruturadas, realizadas com especialistas populares em mercados públicos recifenses. Para revisão histórica, utilizaram-se registros do século XVII, das obras dos naturalistas nassovianos Guilherme Piso e Jorge Marcgrave. Registraram-se 18 etnocategorias taxonômicas de animais, usadas na medicina popular atual para tratamento de 12 enfermidades popularmente reconhecidas. As “receitas” envolvem recomendação de dosagens, associações com produtos

fitoterápicos e regras culturais. Dentre as 18 etnocategorias taxonômicas, nove apresentaram similaridade com as registradas no século XVII. Porém, na maioria dos casos, as prescrições populares atuais diferem das do período colonial. Os resultados indicam forte presença da zooperapia no dia-a-dia, uma vez que as doenças citadas integram o cotidiano das camadas economicamente menos favorecidas da sociedade. Aprofundamentos nestes conhecimentos, crenças e práticas populares poderão contribuir para pesquisas médicas e farmacológicas e para a compreensão das relações com os recursos naturais e sua conservação.

Unitermos: medicina popular, etnobiologia, zooterapia, história da ciência.

Abstract

The use of animals in therapeutic practices has been a reality throughout human history, although it is not yet a well understood phenomenon. The main objective of this study was to describe and analyze the use of medicinal fauna in Recife, Pernambuco State, Brazil. Many aspects were taken into account, such as the identification of the animals used, preparation of the zotherapeutic products, and the articulation between current popular practices and the history of zotherapy in the region. Data were collected through semi-structured, open-ended interviews conducted with folk specialists in three public markets of Recife. For purposes of historical revision, data were also taken from the books written by two naturalists who lived in Pernambuco during the Dutch occupation: Guilherme Piso and Jorge Marcgrave. During the survey in public markets, 18 ethnotaxonomic categories of animals were found to be in current use for the treatment of 12 diseases, according to the popular medicinal diagnosis. In these cases, the prescriptions were

characterized by dosage recommendation, association with plant products, and certain cultural rules. Among these 18 ethnocategories, 9 were similar to those used in the 17th century. These were used, during the Dutch occupation, for the preparation of 9 different kinds of medicines, which treated 10 diseases. Nevertheless, in most cases the current popular prescriptions differ from those reported in the colonial period. The results show the strong persistence of zotherapy in the region, since the reported diseases take part in the daily life of poor local people. Further studies on this body of knowledge, beliefs and popular practices may be a helpful tool for medical and pharmaceutical investigations, as well as for a better understanding of the interaction between local people and natural resources and conservation, in a historical perspective.

Key words: popular medicine, ethnobiology, zotherapy, history of science.

Introdução

A medicina popular apresenta-se como um conjunto de aspectos cognitivos, ideológicos, comportamentais e emocionais relacionados às práticas de cura e modificados historicamente. Oliveira (1984) comenta que isso fortalece as relações sociais, pois pressupõe ajuda e solidariedade, e nessa prática de domínio popular, fundamenta-se um espaço em que pessoas do povo e cientistas obtêm benefícios a partir do “diálogo com a natureza”, em contínua transformação.

Esses benefícios configuram-se na forma de produtos de origem vegetal, animal e mineral. Porém há indiscutivelmente um predomínio dos recursos vegetais sobre os animais e minerais (Campos, 1967). Apesar dessa constatação, e de maiores avanços nos estudos sobre a fitoterapia, Marques (1994) ressalta, através da “hipótese da universalidade zoterápica”, a zooterapia (uso

de animais e seus produtos na cura de doenças) como prática supostamente presente em todas as culturas humanas.

Na caracterização da zooterapia, além da diversidade de recursos utilizados, é fundamental considerar os fatores tempo, espaço e abrangência cultural, como sugere Costa-Neto (1999a), quando comenta que essa prática “caracteriza-se como um fenômeno historicamente antigo e geograficamente disseminado”.

No Brasil, a manifestação da medicina popular e particularmente da zooterapia, configura uma interação de elementos indígena, africano e europeu, participando da história da medicina desde o princípio da colonização, conforme registros de Rocha (1960).

O interesse, a valorização e a sistematização dessa prática remontam ao Brasil colonial, mais especificamente durante o domínio holandês, quando Guilheme Piso e Jorge Marcgrave, médico e naturalista, respectivamente, do governo de Maurício de Nassau, descreveram o uso de recursos animais e vegetais no tratamento de várias enfermidades no Nordeste brasileiro. No entanto, há na literatura uma escassez de trabalhos que descrevam e analisem esse conhecimento do povo, de forma a desmistificar ou valorizá-lo, transformando tradições populares em fontes de pesquisa científica. Nesse sentido, pode-se citar como exceções os trabalhos de Pessoa et al. (1998), Alves e Souza (1999 e 2000); Souza et al. (2000) e Almeida (2001).

Tendo em vista relatos históricos e a realidade da prática atual, este trabalho objetiva descrever e analisar o uso de fauna medicinal a partir da identificação dos animais utilizados, das formas de indicação e enfermidades para as quais são recomendados, estabelecendo relações com os registros históricos referentes ao domínio holandês no nordeste brasileiro, no século XVII. Para tanto, na busca de informações sobre o uso de animais na atualidade da medicina popular em Pernambuco, identificaram-se os mercados públicos do Recife como fontes de

dados, por serem reconhecidamente espaços de confluência e disseminação da cultura popular. Os resultados preliminares desta pesquisa foram relatados por Silva et al. (2000).

Material e Método

Caracterização da área de estudo

A cidade do Recife está situada no Estado de Pernambuco, Nordeste brasileiro, às margens do oceano Atlântico. Nasceu como um porto, e no século XVI consistia de uma pequena aldeia (Dantas-Silva, 1992). Já em meados do século XVII recebeu um certo impulso no seu desenvolvimento, no período de domínio holandês, durante o governo do Conde Maurício de Nassau (1637 a 1644).

Após quatro séculos, está estruturada em uma área de 220 km², subdividida em 94 bairros com uma população residente de 1.342.877 habitantes (dados de 1997 – P.C.R., 2000). Neste contexto, a cidade conta com 23 mercados públicos (Companhia de Serviços Urbanos do Recife-CESURB, 2000a).

Após visita aos mercados públicos, foram selecionados os mercados de São José, Casa Amarela e Água Fria para pesquisa de campo, de acordo com os seguintes critérios: intensidade de visitação popular; presença de produtos medicinais e de informantes “especialistas” em potencial, conhecedores de receitas médicas envolvendo animais.

O mercado de São José, que está situado no centro da cidade, tem uma área de 3.500m² e conta com 542 lojas, distribuídas em 417 internas e 125 externas e abriga 362 locatários (CESURB, 2000b). Desde sua inauguração, em 1878, figura como importante centro de compras, tradicional pela sua beleza estrutural e pela grande diversidade de artesanatos e produtos regionais, que atrai um intenso fluxo popular e turístico

(CESURB, 2000a). Quanto à oferta de produtos medicinais, distinguem-se aproximadamente 23 lojas e outras três lojas em suas adjacências.

O mercado de Casa Amarela, fundado em 1930 está localizado no bairro de Casa Amarela, zona Noroeste da cidade e conta com 99 lojas, abrigando 65 locatários (CESURB, 2000a), sendo identificados apenas dois que dispõem de produtos medicinais. Porém, nas suas proximidades encontra-se um centro anexo com maior disponibilidade de produtos medicinais.

O mercado de Água Fria, situado no bairro de Beberibe, zona Norte da cidade, data de 1954. Está constituído por 112 lojas e abriga 72 locatários (CESURB, 2000a). Dessas lojas apenas três dispõem de produtos medicinais.

Coleta e análise de dados

Os dados sobre o conhecimento zooterápico popular foram obtidos através de entrevistas etnográficas, adotando-se, numa primeira etapa, questões “descritivas” (Spradley, 1979) e, posteriormente entrevistas semi-estruturadas.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de fevereiro e agosto de 2000 com comerciantes de produtos medicinais, reconhecidos por seus pares como detentores de maior conhecimento e prática sobre o tema, nos três mercados públicos identificados como fontes de dados.

Os depoimentos foram gravados em fitas cassete e posteriormente transcritos fielmente. Utilizou-se também de anotações em diário de campo para registro de observações e depoimentos dos especialistas que não permitiram gravações. Os dados foram trabalhados de forma a identificar os temas recorrentes no discurso dos informantes, com ênfase em zooterapia.

No segundo momento, a partir de uma revisão nas obras históricas dos naturalistas nassovianos Guilherme Piso e Jorge Marcgrave, referentes às práticas terapêuticas populares no Brasil colônia, realizou-se uma comparação entre os registros destes naturalistas e as práticas atuais, determinando as similaridades no uso dos produtos zoterápicos, e procurando evidenciar as transformações da sua aplicação ao longo da história.

Como a matéria-prima zoterápica constitui-se de partes ou produtos extraídos de animais de difícil obtenção, trabalhou-se em alguns casos, para a identificação dos animais a partir de pistas taxonômicas. No entanto, nem sempre foi possível chegar no nível de espécie.

Resultados e Discussão

Indicações zoterápicas atuais

O mercado de São José destacou-se, em comparação com os de Casa Amarela e Água Fria, por apresentar maior disponibilidade de produtos zoterápicos e de especialistas populares dispostos a atuar como informantes sobre o tema. Essa diferença se manifestou no discurso dos informantes dos dois últimos mercados, como também através de observação direta pelos autores, demonstrando haver um fluxo de informações e produtos zoterápicos desde o São José até os outros mercados estudados.

A prática zoterápica nos mercados da cidade do Recife ficou bem caracterizada pelo registro de 18 etnocategorias taxonômicas de animais utilizadas na medicina popular, das quais são obtidos atualmente 12 tipos de matérias-primas usadas na elaboração de remédios para 12 doenças, reconhecidas conforme o diagnóstico popular (Tabela 1).

TABELA 1 – Produtos zoterápicos indicados e observados em mercados públicos recifenses.

NOME POPULAR	IDENTIFICAÇÃO ZOOLOGICA	PARTES OU PRODUTOS USADOS	ENFERMIDADES TRATADAS SEGUNDO DIAGNÓSTICO POPULAR	RECEITUÁRIO POPULAR
MALACOSTRACA				
Guajá	<i>Calappa ocellata</i>	animal inteiro	Cansaço (asma) "Calcificação dos ossos" (osteoporose)	"...deixa secar, faz o pó e depois faz o chá..." "...faz o pozinho e põe na comida."
ASTEROIDEA				
Estrela-do-mar	<i>Echinaster brasiliensis</i>	animal inteiro	Cansaço (asma)	"...é só fazer o chá e abafá."
ECHINOIDEA				
Ouriço-do-mar	<i>Echinometra lucunter?</i>	animal inteiro	Cansaço (asma)	"...parte ele e faz o chá"
OSTEICHTHYES				
Baiacu-de-espinho	Tetraodontiformes Diodontidae	banha	Dores reumáticas (reumatismo) Dores nas articulações Artrite Pancadas	Passar nas partes afetadas
Camurupim	Elopiiformes Megalopidae	escamas	Cansaço	"... torra, rala e faz o chá..."
Cavalomarinho	<i>Hippocampus</i> sp.	animal inteiro	Cansaço (asma)	"...Faz o chá e dá três vezes ao dia..."
Peixe-elétrico	Gymnotiformes – Electrophoridae	banha	Dores reumáticas (reumatismo) Dores nas articulações Artrite Pancadas	Passar nas partes afetadas
CHONDRICHTHYES				
Tubarão	Elasmobranchii	oleo (banha)	Dores	Passar nas partes afetadas
REPTILIA				
Cascavel	<i>Crotalus durissus</i>	banha couro e guizo	Dores nas pernas Cansaço	Passar nas pernas "... torra, pila e faz o chá..."
Jacaré	<i>Crocodylia Alligatoridae</i>	couro	Cansaço (asma) e Fraqueza nos ossos (osteoporose)	Chá: "...torra ele todinho, pisa e dá a ele (doente)..."
REPTILIA				
Tartaruga	Chelonia	banha	Dores reumáticas (reumatismo) Dores nas articulações Artrite Pancadas	Passar nas partes afetadas
AVES				
Urubu	Falconiformes	pena, fígado	Asma e Alcoolismo	"...torra [...] pila e bota na comida..."
MAMMALIA				
Baleia	Theria – Eutheria – Cetacea	banha	Dores reumáticas (reumatismo) Dores nas articulações Artrite Pancadas	Passar nas partes afetadas
Boi	<i>Bos taurus</i> ; <i>B. indicus</i>	maçã do boi (bezoário)	Alcoolismo Puxado Cansaço	"...torrar, [...] rala e bota na comida ou no café." "... torra, rala e faz o chá do pó..."

Continua...

...Continuação

Carneiro	<i>Ovis aries</i>	sebo de carneiro capado	Reumatismo Problemas de coluna Inchações Fratura	"...primeiro, cozinha a eua mora. Faz a água bem esperta, aí lava (parte afetada). Quando esfriar, toma três golinho. [Depois], entrega o sebo [...], enrola com faixa..."
MAMMALIA				
Coandu	<i>Coendou prehensilis</i>	espinho	Catarro nos brônquios (bronquite) Cansaço	"...o espinho, com coroa, malva rosa, hortelã da folha miúda. Mistura e faz o chá. Escorre, pega o chazinho, bota açucare faz o lambedozinho..." "...com sete espinhos faz o chá..." (entre outras)
Preguiça	<i>Bradypus sp.</i>	unha, couro	Cansaço (asma) Bronquite	"...torra, mói e faz o chá. A pessoa não pode saber..."
Veado	<i>Mazama sp.</i>	canela	Cansaço	"...torra, raspa e faz o chá..."

A obtenção dos remédios se dá mediante a utilização do espécime inteiro, de partes dos seus corpos ou produtos extraídos deles, como a banha e sebo (gordura), couro, penas, espinhos, unhas, escamas, "canela" (metatarso), fígado, guizo e maçã do boi (bezoário). Dentre esses produtos a banha destacou-se como o mais citado (Figura 1), tendência encontrada nos estudos de Alves e Souto (1998), Costa-Neto (1999a, 1999b); Souto et al. (1999); Lima (2000) e Almeida (2001).

A Classe mais citada foi a Mammalia. Esta, juntamente com Osteichthyes e Reptilia respondem por 72% das indicações (Figura 2). Souto et al. (1999), também registraram a Classe Mammalia como o grupo de maior uso terapêutico entre os entrevistados no município de Andaraí – Chapada Diamantina.

Cavalos-marinhos e estrelas-do-mar foram os animais mais freqüentes e apresentaram uma uniformidade nas indicações entre os especialistas. Porém, para outros produtos e partes animais, foram identificadas divergências nas indicações, tanto em pequenos detalhes de elaboração de receitas, quanto em aspectos mais discrepantes, como a negação de algumas indicações. Nesse sentido destaca-se a utilização popular do

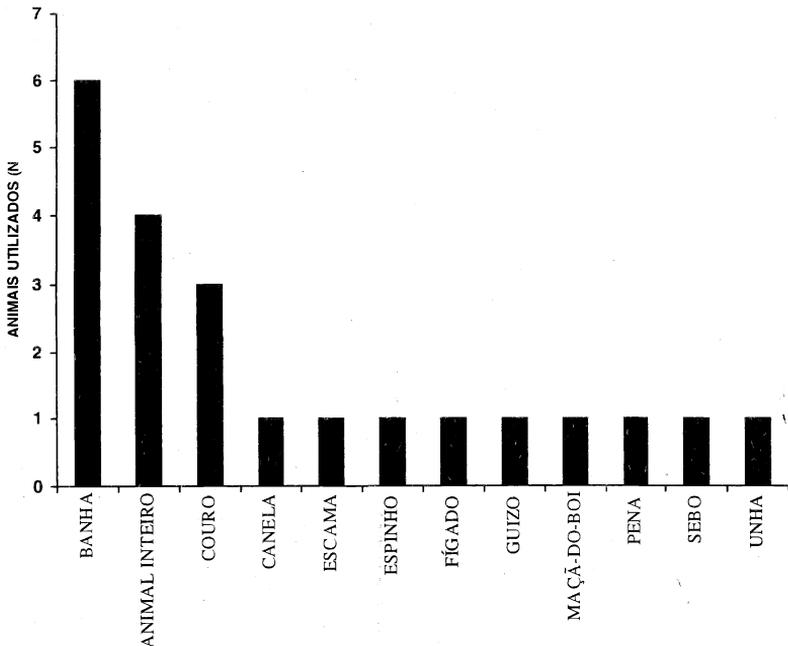


FIGURA 1: Quantitativo das matérias-primas animais indicadas na medicina popular em mercados públicos recifenses.

urubu, do qual a pena e o fígado são citados para o tratamento da asma e alcoolismo. Encontram-se também registros do uso desse animal por Campos (1967); Marques (1995) e Souto et al. (1999). Porém houve registros de comerciantes nos mercados públicos pesquisados, condenando o uso desse animal, como se observa no seguinte depoimento:

“...Eu acho o urubu um animal muito sujo, entendeu? Eu não aconselho. O povo toma, mas eu não aconselho. [...] torra ela [pena], pila e bota na comida. O fígado também. [...] pra pessoa que bebe....”

[lojista no mercado de São José]

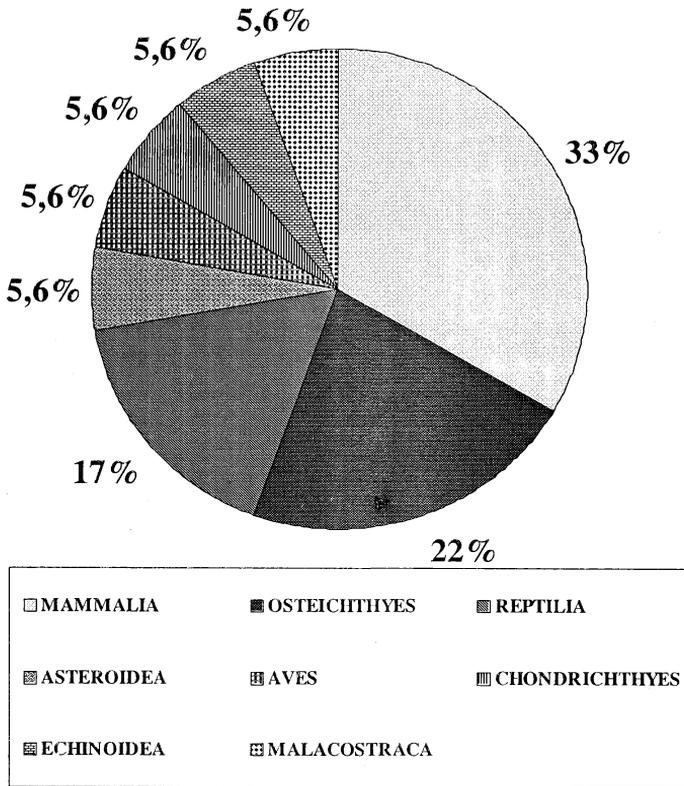


FIGURA 2: Percentual dos grupos animais (N=18) dos quais espécies são indicadas na medicina popular em mercados públicos recifenses.

De uma forma geral os produtos zoterápicos são prescritos popularmente para tratamento de doenças comuns no cotidiano das pessoas. Uma das doenças mais referenciadas é o “cansaço”, para o qual observaram-se recomendações de: guajá, estrela-do-mar, ouriço-do-mar, cavalo-marinho, escama do camurupim, couro e guizo da cascavel, bezoário, espinho do coandu, unha e couro da preguiça e canela do veado. Já para dores houve recomendações de banha de baiacu-de-espinho, de peixe-elétrico, de tubarão, de cascavel, de tartaruga e de baleia. Recomendações

semelhantes são também registradas por vários autores, para diferentes regiões, principalmente do Nordeste brasileiro (Marques, 1995; Costa-Neto, 1999a; Souza et al., 2000 e Almeida, 2001), com pequenas alterações entre os autores.

O receituário prescrito pelos comerciantes que se destacaram como especialistas populares, envolve características que sugerem conhecimento e valorização das origens, quando identifica-se a força da tradição, interligando tempo e sabedoria, numa relação familiar, em que avós, pais e filhos estão geralmente presentes. Esses conhecimentos, segundo Costa-Neto (1999a), podem ser compreendidos segundo uma perspectiva cultural.

Aspectos valorizando os conhecimentos e as origens são apresentadas em depoimentos como:

“Isso! Minha mãe já aprendeu com minha vó, eu já aprendi com a minha mãe, meus filhos aprenderam ... meus filhos mesmos, são doutores em ervas!”

[Informante no mercado de São José]

“... primeiramente Deus, segundo as ervas e as coisas das pessoas antigas, inclusive dos preto velho, dos cativeiros. [...] isso já vem lá de 1888 pra trás...”

[Lojista no mercado de São José]

Porém um aspecto contrário é observado quando os produtos zooterápicos são considerados como simples mercadorias, por comerciantes que declararam ser as indicações obtidas em livros, mesmo sendo estes livros especificamente referentes a plantas medicinais, como é observado no seguinte depoimento:

“...pra saber [de remédios caseiros] tem esse livro aqui. Oh! ... eu empresto pra você copiar.”

[lojista no mercado de Casa amarela]

Entre os informantes, observaram-se divergências em relação às formas de prescrição e ao valor terapêutico dos remédios populares. Esses comportamentos são demonstrados pelos depoimentos a seguir:

“...o bezoário não. Esse não serve pra remédio não...”

[lojista no mercado de São José]

“.. o chá do bezoário é bom pra o cansaço ... inclusive, já curei minha filha...”

[lojista no mercado de São José]

Na maior parte dos casos, as receitas estão envolvidas em segredos e regras culturais, sendo a seguinte uma das regras mais citadas: “...a pessoa não pode saber que tá tomando”. Costa-Neto (1999a), Lima (2000) e Santos (2000) também registraram essa regra. Apesar dos informantes nos mercados destacarem a ocorrência de efeitos indesejados quando as regras não são cumpridas, não demonstraram clareza das conseqüências decorrentes de desobediências. Seriedade também é evidenciada por ocasião das recomendações de dosagens e quantidade de matéria-prima a ser utilizada, como é evidenciado na “receita” a seguir:

“...sete espinho [de coandu], torra e faz sete chá, nas sete lua. [...] assim: só quando a criança tiver cansando. Quando vim a outra lua, vai ver se a criança cansa, se ela cansar faz outros sete chá.”

[lojista no mercado de Água Fria]

Tendo em vista os depoimentos dos informantes, ficou evidente que o uso de matérias-primas animais é visto com uma naturalidade inerente à cultura local. Neste sentido, Nations (1997) enfatiza a dependência humana em relação à diversidade biológica, e coloca a alternativa de conservação relacionada ao valor utilitário da proteção das espécies, com perspectivas de

benefícios a longo prazo de proteção da diversidade biológica. Costa-Neto (1999b) diante da disseminação de matérias-primas zooterápicas, comenta a possível viabilidade de criação de formas de manejo adequadas para utilização dos produtos de origem animal e sua preservação, concomitantemente.

Porém, diante da escassez de registros de caráter biológico sobre a zooterapia, destaca-se a possibilidade da perda de informações que poderiam subsidiar pesquisas etnobiológicas, com formulações de hipóteses, inclusive no aspecto etnofarmacológico, além de programas de saúde pública culturalmente planejados. A elaboração de hipóteses, ainda pode ser reafirmada com as idéias de Posey (1980), quando comenta investigações científicas de hipóteses geradas a partir de conhecimentos de culturas indígenas.

Articulações com os registros do século XVII

Hoje, reconhecendo a dimensão da prática medicinal com plantas e animais como um fato da cultura popular, evidencia-se o valor histórico a ser perseguido para a compreensão de suas origens, evolução e disseminação através do tempo.

No que se refere à prática zooterápica em Pernambuco, destacam-se os registros dos naturalistas nassovianos Guilherme Piso e Jorge Marcgrave, que remontam ao Brasil no período colonial, mais especificamente durante o domínio holandês, quando descreveram o uso de recursos animais no tratamento de várias enfermidades pelos índios, negros e colonos europeus. Neste sentido, Posey (1980) sugere a importância de investigações em documentos históricos, para pesquisas etnobiológicas.

Dentre os vinte e quatro anos de ocupação holandesa no Nordeste brasileiro, aproximadamente oito corresponderam ao governo de Maurício de Nassau (1637 a 1644). Neste contexto estava inserido Guilherme Piso, médico do Conde de Nassau,

com a incumbência de chefiar a primeira missão científica realizada por país europeu em “terras do Novo Mundo”, tendo como um de seus colaboradores Jorge Marcgrave, também médico, mas que teve maior destaque como naturalista (Taunay, 1948). Os registros dos naturalistas nassovianos constituem as obras “*Historia naturalis Brasiliae*” publicada em 1648 e é composta da “*De Medicina Brasiliensi*”, escrita por Piso e da “*Historia rerum naturalium Brasiliae*”, baseada nos textos de Marcgrave. Posteriormente, em 1658, Piso resolveu publicar “*De Indiae utriusque re naturali et medica*”, nova edição ampliada, principalmente no que se referia à fauna medicinal e incorporando a contribuição de Marcgrave, apenas citando seu nome (Taunay, 1948). Essas obras são de representativa importância, e integram um acervo que, por muito tempo, representou a única “fonte fidedigna” sobre os animais e plantas do Brasil e até da América do Sul (Teixeira, 1995).

A revisão histórica apresentada neste trabalho teve por base as edições brasileiras das obras “*História Natural do Brasil*” (Marcgrave, 1942) e “*História Natural do Brasil Ilustrada*” (Piso, 1948), bem como “*História Natural e Médica da Índia Ocidental*” (Piso, 1957). Ressalta-se nessas obras o registro de vinte e nove categorias taxonômicas de animais com indicações terapêuticas por Piso e três por Marcgrave. Realizando-se um paralelo destes registros coloniais com o presente levantamento em mercados recifenses, observou-se similaridade em 50% das dezoito etnocategorias de animais registradas atualmente, conforme descrição a seguir:

Malacostraca

Guajá (*Calappa ocellata*): nos depoimentos populares registrados nos mercados do Recife, foi recomendado inteiro, seco em forma de pó, como chá para cansaço ou colocado na comida para “calcificação dos ossos” (Tabela 1).

Na obra de Piso (1957), há recomendações para o guáia-guaçú, com destaque da qualidade da carne do animal, considerada abundante e saudável, e da utilidade dessa para os doentes de “moléstias do peito”, bem como aplicado fresco para queimaduras de caravela.

Chondrichthyes

Tubarão (Elasmobranchii): foi referido nos mercados recifenses como fonte de óleo destinado ao tratamento de “dores” (Tabela 1). Encontra-se certa similaridade com os registros de Piso (1948), apenas quanto ao grupo animal, uma vez que este autor relata para o século XVII, a ingestão do “fígado seco do cação ou preparado com pouco sal” para problemas de vista.

Reptilia

Cascavel (*Crotalus durissus*): conforme indicações dos especialistas populares consultados, três matérias-primas são obtidas desse animal, com as seguintes prescrições: banha para dores nas pernas, couro e guizo para cansaço (Tabela 1). Com relação ao século XVII, a indicação desse animal registrada por Piso (1948), consiste na aplicação para “picada de cobra”, da cabeça moída, do “próprio animal que picou”, em forma de emplastro na ferida.

Jacaré (Alligatoridae): as indicações relatadas atualmente consistem no uso do couro para o preparo de chás para tratar cansaço e osteoporose (Tabela 1). Já nos registros para o século XVII, a gordura é indicada no tratamento da mordida do próprio animal e as “tripas secas e reduzidas a pó [...] contra as doenças do cálculo” (Piso, 1948).

Tartaruga (Chelonia): foi indicado pelos entrevistados para o tratamento do reumatismo, artrite e pancadas, mediante

aplicações de sua banha (Tabela 1). Já no século XVII, os registros de Piso (1948) referem-se ao uso da raspa assada da carapaça da tartaruga (fluviátil) para “fluxos do ventre”.

Aves

Urubu (Falconiformes): Os comerciantes entrevistados citaram a indicação das penas e do fígado para tratar asma e alcoolismo (Tabela 1). Nos registros de Piso (1948), a indicação refere-se a um comentário de Ximenes no México, que consiste na ingestão da carne para cura de “lues venerea” (doenças venéreas).

Mammalia

Boi (*Bos taurus* ; *B. indicus*): a indicação atual referente a “maçã do boi” (bezoário), reconhecido por informantes como a “pedra que dá em alguns bois”, refere-se ao tratamento do alcoolismo e cansaço, podendo ser associada com a pena do urubu (Tabela 1). Porém, desde o século XVII há registros de indicações para esse produto. Piso (1948 e 1957) registra a utilização da “pedra de bezoar”, colocando que “os bárbaros empregam a rasura pilosa contra fluxos sanguíneos pertinazes do ventre e externamente como emplastro contra hemorragias”. Além desta indicação, há constatações do uso do fígado de boi ensopado no mel pra males dos olhos (Piso, 1957) e raspagem de chifre bovino com água fria contra picada de cobra (Piso, 1957).

Coandu (*Coendou prehensilis* ?): a prescrição atual desse produto foi em todos os casos para cansaço ou bronquite, muito embora com diversificações na forma de uso, como chás e lambedores associados a ervas (Tabela 1). O uso terapêutico destes “espinhos” é relatado por Piso (1957), sendo usado como pó para curar “mal disentérico” e citando Ximenes, refere-se a

utilização desse pó para curar cálculos renais e da bexiga, e ainda para sanar dores de cabeça aplicando-se os espinhos de forma que se fixem.

Veado (*Mazama* sp.): como citado pelos informantes entrevistados, dele se obtém como matéria-prima, a “canela”, de cuja raspa é feito chá para cansaço (Tabela 1). Já nos registros de Piso (1957), do veado se obtém “a pedra contida no estômago” contra “os males venenosos”.

Observou-se, portanto, que na maioria dos casos, as prescrições atuais diferem das do período colonial, havendo uma diversificação das partes usadas, bem como das enfermidades tratadas, apesar do uso comum de alguns produtos como a gordura ou banha, o espinho de coandu e o bezoário (“maçã do boi”). Há também uma provável correspondência na utilização do “guajá”, no que se refere a indicações para enfermidades do sistema respiratório.

A prática zoterápica atual revelada no Recife é fortalecida pela constatação da reprodução destas práticas no percurso da história, estabelecida pela indicação persistente de alguns animais desde o século XVII até hoje. As diversificações deste receituário ao longo do tempo, sugerem transformações na própria história da medicina, em que o conhecimento popular pode subsidiar a ciência formal. Reafirma-se, assim, a perspectiva de uma “ecologia da mudança cultural” (Marques, 1999), a partir da constatação de que “cultura é trânsito: seu passado [...] é um passando”.

A crença e o respeito popular a essas práticas de cura, referenciando-a como parte integrante da cultura da região, mostra a necessidade de um aprofundamento nos estudos referentes a este conhecimento popular, no sentido da compreensão da inter-relação homem-cultura-ambiente, tendo em vista a provável existência de fontes de substâncias farmacologicamente ativas.

Agradecimentos

Ao professor Francisco José Bezerra Souto (UEFS) pela discussão durante a elaboração do projeto de pesquisa, aos professores Paulo Montenegro e Marcos Souto Alves (UFRPE) e Petrônio Alves Coelho Filho (UFPE) pela colaboração na identificação taxonômica dos animais e aos informantes por terem compartilhado suas experiências e conhecimentos com os autores.

Referências Bibliográficas

Almeida, C. de F. C. B. R. de 2001. **Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco: um estudo de caso no Agreste**. Monografia, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, 60 pp.

Alves, A. G. C.; Souto, F. J. B. 1998. Etnoecologia do cágado d'água *Phrynops* spp (Testudinomorpha: Chelidae) no Açude Bodocongó, Campina Grande, Paraíba. **Resumos do III Simpósio de Etnobiologia e Etnoecologia**, São Carlos, Brasil, p. 83.

Alves, A. G. C.; Souza, R. M. de 1999. "Qual é o homem que não gosta de taioba?": etnoecologia e malacoterapia no canal de Santa Cruz, Pernambuco. **Resumos do I Encontro Baiano de Etnobiologia e Etnoecologia**, Feira de Santana, Brasil, p. 57.

Alves, A. G. C.; Souza, R. M. de. 2000. Etnoecologia de um ambiente estuarino no Nordeste do Brasil: conhecimento dos "mariscos" (Mollusca: Bivalvia) por mulheres no canal de Santa Cruz. *In*: Sustentabilidade de Estuários e Manguezais: Desafios e Perspectivas. **Anais da Conferência Internacional - Mangrove 2000**, Recife, CD - ROM.

Campos, E. 1967. **Medicina Popular do Nordeste; Supertições, Crençices e Mezinhas. Coleção Razão &**

Além de casos e coisas deste nosso estranho universo. vol. 4, 3.ed. Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 145 pp.

CESURB-COMPANHIA DE SERVIÇOS URBANOS DO RECIFE. 2000a. **Informações Gerais sobre Mercados Públicos.** Departamento de Mercados e Feiras, Prefeitura Municipal, Brasil, 2pp.

CESURB-COMPANHIA DE SERVIÇOS URBANOS DO RECIFE. 2000b. **O Mercado de São José.** Prefeitura Municipal do Recife, Brasil, 18 pp.

Costa-Neto, E. M. 1999a. **Barata é um santo remédio: Introdução à zooterapia popular no Estado da Bahia.** Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil, 103 pp.

Costa-Neto, E. M. 1999b. **Traditional use and sale of animals as medicines in Feira de Santana City, Bahia, Brazil.** In: Indigenous Knowledge and Development Monitor, julho 1999. Disponível em <http://www.nvffic.nl/ciran/ikdm/7-2/meheiros.html>.

Dantas-Silva, L. 1992. O Recife, várias visões. In: Souto-Maior, M. & Silva, L. D. (eds). **O Recife quatro séculos de sua paisagem.** Massangana, Recife, Brasil, p. 09-25.

Lima, D. C. de O. 2000 **Conhecimentos e práticas populares envolvendo insetos na região em torno da Usina Hidrelétrica de Xingo (Sergipe e Alagoas).** Monografia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil, 56 pp.

Marcgrave, J. 1942. **História natural do Brasil.** Museu Paulista-Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, Brasil, 239 pp.

Marques, J. G. W. 1994. A fauna medicinal dos índios Kuna de San Blás (Panamá) e a hipótese da universalidade zooterápica. **Anais da 46ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência,** Vitória, Brasil, p. 304.

Marques, J. G. W. 1995. **Pescando Pescadores: uma etnoecologia abrangente no baixo São Francisco alagoano**. NUPAUB-USP, São Paulo, Brasil, 304 pp.

Marques, J. G. W. 1999. Dinâmica cultural e planejamento ambiental: sustentar não é congelar. *In*: Bastos-Filho, J. B. (ed.). **Cultura e desenvolvimento: a sustentabilidade cultural em questão**. PRODEMA-UFAL, Maceió, Brasil, p. 41 – 68.

Nations, J. D. 1997. A ecologia profunda encontra o mundo em desenvolvimento. *In*: Wilson, E. O. (Org.). **Biodiversidade**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, Brasil, p. 101-106.

Oliveira, E. R. de. 1984. **O que é medicina popular. Coleção primeiros passos, nº 125**. Brasiliense, Brasil, 92 pp.

Pessoa, R. S.; Almeida, A. V. ; Alves, A. G.C.; Soares, M. S. A. 1998. A “maçã-do-boi” (bezoário): etnomedicina, história e ciência. **Resumos do II Simpósio de Entobiologia e Etnoecologia**, São Carlos, Brasil, p. 77.

Piso, G. 1948. **História natural do Brasil ilustrada**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, Brasil, 434 pp.

Piso, G. 1957. **História natural e médica da Índia Ocidental**. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, Brasil, 685 pp.

Posey, D. A. 1980. Consideraciones etnoentomológicas sobre los grupos ameríndios. **América Indígena**, **40** (1): 105-120.

P. C. R. – Prefeitura da Cidade do Recife. 1997. **Recife em números**. Prefeitura Municipal do Recife, Brasil, 8 pp.

Rocha, L. A. 1960. **História da medicina em Pernambuco: séculos XVI, XVII, XVIII**. Arquivo Público Estadual, Recife, Brasil, 280 pp.

Santos, V. de O. 2000. **Fulano me disse: A transferência oral de informações, no discurso da saúde e da doença**,

entre moradores da Comunidade Cavaco, em Arapiraca – AL. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil, 152 pp.

Silva, M. L. V. da; Alves, A. G. C.; Almeida, A. V. 2000. A Zooterapia no Recife (Pernambuco): uma articulação entre as práticas e a história. **Resumos do III Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia**, Piracicaba, Brasil, p. 84.

Souto, F. J. B.; Andrade, C. T. da S.; Souza, A. F. de. 1999. Uma abordagem etnoecológica sobre a zooterapia na medicina popular em Andaraí, Chapada Diamantina, Bahia. **Anais do I Encontro Baiano de Etnobiologia e Etnoecologia**, Feira de Santana, Brasil, p. 181-190.

Souza, R. M. de; Alves, A. G.; Santos, V. M. dos 2000. Percepção e utilização medicinal de “crustáceos” no canal de Santa Cruz (Pernambuco): uma abordagem etnobiológica. **Resumos do III Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia**, Piracicaba, Brasil, p. 75.

Spradley, J. P. 1979. **The Ethnographic Interview**. Fort Worth: Harcourt Brace Jovanovich, USA, 247 pp.

Taunay, A. de E. 1948. Guilherme Piso, M. D. (1611-1678) Escorço Biográfico. In: Piso, G. (ed.). **História Natural do Brasil ilustrada**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, Brasil, p. 213-230.

Teixeira, D. M. 1995. A imagem do Paraíso: uma iconografia do Brasil holandês (1624-1654) sobre a fauna e a flora no novo mundo. In: Ferrão, C. & Monteiro-Soares, J. P. (eds). **Dutch – Brasil. Brasil-holandês**. Ed. INDEX, Rio de Janeiro, Brasil, p. 89-139.